CADERNO DE LEITURAS N.116

7 mulheres

maternidade e isolamento social

Ana Freitas Reis
Brisa Marques
Fabiana Carneiro
Mika Andrade
Nina Rizzi
Roberta Ferraz
Ursula Rösele

CURADORIA
Maria Carolina Fenati

Nota da editora

Reunimos aqui textos de 7 mulheres sobre as relações entre maternidade e isolamento social. Agradeço a cada uma delas por terem escrito a partir deste convite, e agradeço também a todas as outras que me confessaram não terem conseguido encontrar tempo para escrever no ritmo intenso destes dias. Todas estas mulheres dedicam-se às suas crianças, e ainda que o tempo seja raro para qualquer outra coisa, que não haja dúvidas: se elas têm os ouvidos à escuta do coração de seus filhos, seus olhos estão atentos ao mundo, buscando reinventar o futuro que, como uma fera na selva, espera suas crias.

Carta às 4

Ana Freitas Reis

Queria falar-vos do declínio do corpo, da garganta ou do pó da pandemia, a cor ocre da argila. Espirros de memórias ventiladas. Falar-vos de quando atravessámos os vidros das janelas como um passatempo. O tempo passou.

Lembram-se de quando escutámos os sussurros? As ambulâncias, as luzes desmaiadas nas ruas; dentro de casa, lugares inventados como pontos de fuga e gritos.

Queria escrever-vos versos nas mãos, nas patas dos bichos aflitos, nos chifres. Não sei – quais seriam os nomes? Alguém disse que dar nome é uma forma de anti-monotonia. Desenhámos o céu sem aviões, as ondas, os trovões, aquela chuva de jasmim, o manifesto mar, o tamanho do vento, o azul. Azultopia, disse a Alice. Lembram-se do dia em que lemos o rio e as histórias: o Bruno disse que o jacaré fugiu com o elefante, o leão foi a Paris – para onde foram os lobos e o bicho da seda?

E a promessa dos pássaros lentos protagonistas do martírio.

Queria dizer-vos, talvez em delírio, que chegará a vossa vez de ter esse alimento, o privilégio de afirmar:

Antes que tudo, livres!

Antes que tudo, mundo!

Palavra voa. Mas se tudo voa, nem a palavra nos pertence. Não somos tempo, somos o lugar.

Sei agora que o sufoco conseguiu adiar o amor, a máscara venceu e tapou a boca do poeta. Mas talvez vocês não saibam que o redondo

silêncio visto do espaço é paz. Hoje, sem paz, há um sopro apertado na Terra. Um joelho no pescoço.

Queria lembrar-vos que não resistir é permitir. O osso da morte acena sorridente sem despedida, opõe-se ao amor que se constrói no oco. Como o ninho. A linha invisível que une os nossos ombros. Por isso, peço para que ninguém pise os nossos vazios. Já nos basta os escombros junto às campas, os minutos a empalidecer nas avenidas sem padres. No mesmo mapa, as olheiras do tempo derretem no forno da cozinha.

A fome, que é raiz, sobe sozinha.

Queria cantar-vos bem alto. O suor, os medos, o horror. Ensinar-vos o equilíbrio. Mais de setenta vezes foram os dias, em torpor. Aprender a ver no escuro, a língua na pele do chão e do tecto.

– Alguém lambeu nossos sonhos como sorvetes.

Os olhos da casa ainda estão abertos. Do susto exílio.

Os astros lá de cima, confusos. Confusos estão também os dedos que chupamos depois da fruta, disperso o feiticeiro. A justiça derramada.

É a beleza, atada por inteiro aos vossos pulsos, que queria mostrar-vos como caminho.

Eu e João

Brisa Marques

De onde parto? De mim. Dividida em duas partes, no parto. Eu e João, tirado de mim por minha mão. Atrás de mim, minha mãe.

Talvez sejam essas as minhas primeiras referências sobre maternidade.

Maternidade um tanto fora do padrão. Deficiente? Nunca gostei dessa palavra, mas carrego em mim uma lesão medular. Isso significa muitas coisas. Partes do corpo perderam a sensibilidade, falta força muscular, há movimentos comprometidos, dores crônicas, cicatrizes, pinos, espasmos, bengalas e um filho.

João nasceu sorrindo. Como será que foi sair daqui de dentro? Seu pai não estava no parto. Nos desencontramos. Nada que o tempo não tenha resolvido. Nunca consegui ninar meu filho dançando. O dia inteiro sentada na bola de pilates com ele no colo. Um silêncio absoluto quando ele dormia, e eu dormia também. Durante os primeiros anos, também não conseguia passear sozinha com ele. Era impossível carregá-lo ou correr atrás dele. Se ele caísse, tinha que se levantar sozinho e vir até meu colo. A circunstância nos tornou caseiros.

A partir do segundo ano, eu e o pai compartilhamos oficialmente a guarda do nosso filho e isso melhorou muito as coisas. Recomecei a partir de mim; uma só parte. João aprendeu a me ouvir, me respeitar, me observar, me acompanhar. Aprendemos a conversar... Eu e ele, dois moradores de um apartamento de setenta e poucos metros quadrados.

A escola era uma de suas casas. Agora, nesse irremediável 2020, com quatro anos, João está aprendendo a viver o dia a dia sem a escola. O início do nosso isolamento foi difícil. Resolvemos ir para a casa de seus avós, meus pais, no mato, mas tivemos momentos duros por lá. Sabe o aumento do índice de violência contra as mulheres na quarentena? Esta violência também nos atingiu e voltamos para casa. Acho terrível crianças dessa idade viverem a violência tão de perto. Estamos juntos e estamos vivos!

Aos poucos, fomos nos reencontrando com nossa casa, retirando os excessos, mudando algumas coisas de lugar, inventando histórias, encontrando ritmos, olhando o céu pela janela, compartilhando angústias e alegrias. Aqui tem floresta, onça-pintada, macaco, leão, dinossauro, esconderijos inacessíveis e pontes que nos levam para todos os lugares do mundo (e até para o espaço). Ainda não sabemos quando voltaremos a encontrar todos os amigos-crianças. Enquanto isso, estamos cuidando um do outro.

Temos brincado muito. A gente pinta, joga totó, baralho, argolas, desenha, faz bolos, cosquinhas, rosquinhas, shows, teatro, almoço, cabana, suco, rega as plantas, conta histórias, escreve cartas, toma banho, se descobre, se apoia, se frustra, se desentende, se ama, eu perco a paciência, ele muda tudo de lugar, cai, machuca, sobe na mesa, em cima de mim, pula no sofá, esconde, corre, eu caio, machuco, levanto e observo. Outro dia, descemos para jogar futebol no térreo... É claro que ele sempre ganha! Imagina um menino de quatro anos driblando uma mamãe bengalante que corre dez vezes mais devagar que ele? Ele se sente o jogador mais rápido do mundo e eu digo:

– Quero ver você driblar alguém do seu tamanho!

Na hora de subir o elevador, aviso:

– Chegando em casa, tomar banho!

– E nós não podemos esquecer de tomar água. Eu e você! – diz ele.

– Ainda bem que você cuida de mim, João.

– Você sabe se cuidar sozinha... – lembra-me ele, enquanto limpa tranquilamente a minha roupa suja de grama.

E assim continuamos. Enquanto ele diz que quer ter cem anos para pegar a lua e alcançar as estrelas, eu me desequilibro nos seus sonhos de criança. Penso no quanto esse tempo tem sido importante para crescermos e exercitarmos a presença em tempo integral. Não que isso seja tranquilo. Dói! Imagine... Já chorei duas vezes com ele porque precisava de meia hora sozinha e não dava para pedir uma força para seu amigo imaginário. Na segunda vez que chorei, já consciente de que adulto também chora, João elaborou uma ótima estratégia para me fazer rir. Rimos.

Quando ele está com o pai, cuido de mim, da casa, trabalho, descanso, faço as compras, terapia, converso com outras pessoas, sofro com a violência no mundo, a fome, o racismo, o machismo, o capacitismo, o Brasil, a economia, a ganância, a destruição do meio ambiente, o desmonte da educação, fico triste, sinto prazer e sonho. Penso no meu poema que ajudei João a decorar: "a saudade é um instantinho de presença". Como é bom ter um filho que rima olho com piolho e me joga brilhinhos à noite para dormir!

Do dentro de nosso quintal

Fabiana Carneiro da Silva

Dou um xêro na barriga e ganho um cafuné. Dengo bom que me distraiu e eu nem vi o passar do tempo, dois anos desde aquele dia em que me rasguei para recebê-la. Naqueles primeiros dias, minha menina se fazia urso em inverno. Hoje, somente uma soneca rápida ao longo do dia. Quando dou sorte, cai no meu "turno", quando não, é no do pai. Ela risca no chão o vigor de uma vida nova. Eu tento acompanhar, mas tropeço. Ela me ensina a andar.

– Não, filha, meu nome não é "mamãe"; é Fabiana. Mas tudo bem você me chamar de "mamãe", assim como eu te chamo de "filha".

Outrora foi um copo de liquidificador, agora vaso que nos ajuda a semear novos tempos. Distrai, ensina, alimenta... essa coisa de terra, da Terra, que o Homem esqueceu. Mas nós não. E nos viramos como dá. Um canteirinho no quintal, um copo de liquidificador.

– Mãe, mãe, olha isso aqui na folha, que é?

– Eita, filha, é um casulo. Gente! Não é que uma lagarta deu de escolher dormir bem aqui nessa folhinha verde.

– Que, mamãe?

– Não parece, mas tem uma lagartinha aí dentro, filha.

– Que fofa. Tô com fome, mãe.

– Já, já vamos jantar. Um pouquinho de paci?

– ência!

– Isso mesmo.

Deixamos a suculenta em sua ostentosa e, por isso mesmo, agressiva paz. Vou esquentar o feijão. O segunda-a-sexta enrijece, comprime. Os prazos para aquele artigo expiram hoje, o texto está manco. Preciso marcar reunião com as orientandas, mas não dá pra ser no mesmo aplicativo que da semana passada (chamada caindo a cada 40 minutos ninguém merece). Recusei mais uma live. Não era para ser o tempo perfeito para a escrita de meu romance?

– Mãe, quero assistir TV.

O relato-dor de Mirtes Santana, a indiferença da patroa-sinhá, a tristeza mais profunda pela passagem tão abrupta e violenta de Miguel Otávio Santana da Silva. Revisitar essa memória agora me fere novamente. Revolta. Reviro-me. Lembro de minha mãe, babá em casas distantes, lá na grande São Paulo. Das tentativas da patroa dela em me expurgar de sua barriga. Águas da cabaça. Do trabalho pesado e sem trégua até que as 40 semanas de gestação se completassem. Essa memória ficou impressa em cada uma das células do meu tecido-pele antes mesmo que ele se formasse. Minha mãe que chora comigo pela morte de Miguel. Minha mãe que me conta que, por ter a pele-marca branca (e conseguir disfarçar o crespo dos cabelos), teve como pre-destinação o cuidar das crianças da patroa; às suas amigas, de pele-marca preta, lhes coube a cozinha.

Que quentinho o sol que sinto, sabadou! Pato, peixe, siri e sereia, todos flutuam na piscina que a mangueira enche no quintal. Eu aterrizo de novo e, enquanto Imani e o Balbino saúdam as plantinhas, tento regar essa árvore que insiste em crescer dentro de mim. Seria um Baobá? No curso de nosso terreiro, os prêmios das batalhas enfrentadas pelas ruas da floresta-bairro: mamoeiro, abacateiro,

moringa e babosa. Rastro do que foram encontros com feras e seres encantados, jornadas tantas empreendidas pela dupla pai-e-filha nos últimos meses. Eu não pude comparecer a nenhuma delas, mas tenho abrigo na terra que eles nutrem. Pimenteira, espada de São Jorge, espada de Iansã, nossas armas de proteção; Tapete de Oxalá, devir de calmaria. A gente fecha a mangueira e Imani dança, que alegria de criança não se contém em gesto seco. Eu, veia-do-mangue, matuto como é possível esse prisma para o tempo... o jeito do dedão do pé, a mirada forte, o movimento ligeiro. Sankofa como fundamento e vejo a expressão do que vingou, tudo ali no mapa de minha menina, um passado que se adivinha tão longo, na ginga do que é vivo, se perde como horizonte.

É gelada a água que acorda meu Orí.

– Pronto, filha, já entrei. Agora, é sua vez, bora, eu te seguro! A gente se lava. O mar é uma saudade.

– Mamãe, sabia que tem estrelas no mar também? O mar é uma lembrança. Mergulhão! – Eita, olha aí uma estrela-do-mar.

– Onde, filha?

– Ali, depois das conchinhas. O mar nos banha e ela me ensina a ser peixe.

Jociele Pego Ramos Bolonese e seu filho-semente sem vida num pote de plástico com formol, lacrado pela fita adesiva prata. O hospital "não se responsabiliza". Aos Tupiniquins mais uma interdição de futuro. A nós, igualmente. Eu não sou enquanto o outro não for. Me vejo em desatino. Ouço as vozes de minhas bisavós, ambas indígenas. Seria Payayá, a paterna? Seria Xucuru-Kariri, a materna?

Seria eu quem? Vi minha avó abrindo uma picada na mata e ela me encarou, me entregou um presente e me feriu. Um corte no peito que não estanca.

Olho para o passado e tento desatar aquele laço. ~~Sua bisavó foi pega no Laço~~. Jociele me diz que – ainda – não é possível. Me esforço para terminar de corrigir os trabalhos finais submetidos à disciplina que ministro e reacendo em mim o desejo pela escrita. Aquele projeto do romance... Tenho uma hora antes do início da reunião do colegiado. Tenho três horas antes de assumir os cuidados com a minha filha. Me lembro de Chiziane, "por uma nova visão do mundo". Como palavrear em plena guerra? Como foi possível à Firmina, à Carolina, à Potiguara, à Graúna? Devemos seguir. E sigo feito água que se esgueira por entre as pedras dessa tessitura verbal, tentando alcançar ali, onde o silêncio e o mistério são reis.

A borboleta rompeu o casulo. Suas asas são pequeninas e pretas com pintinhas amarelas.

– Tá vendo, filha?

Mas está parada, imóvel, enredada nos fios de seda que ela mesma teceu em sua existência pregressa de lagarta. Será que vive?

Onde se enuncia "reinvente-se", leia "não deixe o capitalismo parar". "Reinvente-se" ou "Não pare porque o nosso progresso depende da exploração de vocês". "Reinvente-se", significante lustroso que cintila no século XXI os sentidos do XVI, quando do estupro primeiro de Pindorama. "Reinvente-se" como simulacro para o onipresente cheiro de morte. "Reinvente-se" como carta-testamento de um sistema que segue, como espectro, destroçando tudo o que dança, ri e sente. Reconhecemos a insídia desse enredo colonial,

invertemos as ampulhetas e tramamos outros amanhãs. Do dentro de nossos quintais, resilientes, maternamos o revide.

– Mamãe, ela sumiu! A borboleta não está mais lá na folha.

A trama de fios de seda reluz sem o corpo delicado. A felicidade dança novamente em minha menina. Ela risca o céu com seus pulões e num abraço apertado também me empresta suas asas. Não existe o ordinário quando se inaugura a vida. Imani me ensina a ler o vazio e nele desenha aquilo que seu nome inscreve, a palavra Fé.

os dias (não) passam sempre iguais

Mika Andrade

os dias passam sempre iguais
e repetem
e repetem
e repetem

o menino reclama ao longo do dia
chora por causa do agora

ouço minha vizinha gritar exausta
que não aguenta mais essa menina
nojenta

no grupo do zap de
mãezinhas da escola
todos os responsáveis reclamam

os dias não passam iguais

morre uma criança
empurrada pela impaciência branca
Miguel me chama em meus sonhos
eu o amparo em meus braços

enxugo minhas lágrimas
enxugo as lágrimas das
crianças, enxugo também
as lágrimas salgadas do meu companheiro

como uma gata que acabou
de parir suas crias, eu passo
a língua em vossos olhos

os dias não passam iguais

mãe mãe mãe!
quantos dias faltam?!
para o quê, menino?

os dias não passam iguais

meu feijão cozinha diariamente
minha mente ferve diariamente
o café é servido diariamente
um negro morre diariamente

os dias
não passam
iguais

Origem, confinamento

Nina Rizzi

Gosto muito de contar as histórias de minha avó, de como minha mãe herdou os seus cheiros de lavadeira, doceira; de que fazia a própria massa e o molho do macarrão. Gosto de furtar histórias também, como aquela de a vovó amar mulheres e só ficarmos sabendo no dia que Joaquim, meu primo indiscreto, ia contar tudo sobre eu estar de amores com uma mulher...

Tenho um confinamento na minha origem.

Gostava muito mais de poder dizer que minha avó foi uma benzedeira, minha bisavó foi uma curandeira, minha tataravó foi laçada e as ainda mais velhas só podiam ser livres no pensamento, enquanto os corpos lhes eram subtraídos por uma gravidez atrás da outra.

Não posso dizer: não sei nada ou quase nada das minhas origens, meu nome foi a única rasura que sobrou da primeira mãe de minha mãe, morta antes que ela fosse adotada e recebesse o nome de um pai que nunca foi pai – ou que sempre foi pai, se temos nessa palavra um emaranhado de homens que: ou são ausentes, ou violentos, ou abandonam, ou tudo isso.

Minha mãe diz que minha filha é mais sua neta que os filhos do meu irmão, porque as filhas das filhas carregam mais o sangue da família, como um contragolpe aos homens que sempre esperaram um filho varão para perpetuar a raça, embora, talvez, ela não elabore essas coisas exatamente assim.

Gostava também de ser muito neta da minha avó paterna, para ter uma origem de ali talvez, porém meu pai compõe aquele terceiro

tipo, dos que abandonam; e eu só vi minha avó Catarina duas vezes. Lembro que tinha fortes traços indígenas, bebia café e fumava muito, tremia tanto quanto e tinha um olhar severo.

Minha origem com mamãe, que raras vezes chamei assim, foi na zona rural, onde vivemos durante a minha primeira infância. Ela e meu padrasto eram caseiros e lá ficávamos naturalmente confinados a treze quilômetros da cidade. Ela era uma pessoa de todas as expressões severas: olhares, gestos e vozes que reproduzia, mais tarde soube, de sua madrasta.

A primeira vez que reproduzi a severidade de minha mãe foi contra o confinamento. Ela se tornou colega da mãe de uma garota que estudava comigo, e então eu já não precisava caminhar todos os dias os treze os quilômetros de casa até a escola, passava alguns dias na casa desta família.

Eu tinha um irmão de colo que cuidava como um filho e chegava aos meus onze anos quando minha mãe alugou uma casinha mais próxima à cidade. A companhia de energia ainda não tinha feito a ligação elétrica lá e eu me recusei a ir para casa, porque eu nunca me sentia em casa, mesmo que fosse em uma casa nova; em outra circunstância, ela teria usado sua onipotência para me lembrar que crianças não têm livre-arbítrio, mas ali, naquela casa cristã da família que me acolhia e doava mantimentos e roupas usadas, jamais o faria. E eu sabia disso. E foi também a vez que usei a infantil chantagem emocional, a primeira vez que sim, fui manipuladora e severa; e que vi minha mãe chorar, delicadamente, por minha causa.

Segui crescendo e querendo nunca, jamais, em tempo algum reproduzir os manuais de maternidade de minha mãe, como se a maternidade viesse com um manual, como se fosse sempre uma escolha a reprodução de comportamentos, maternais ou não.

Vivemos eu e minha filha a maior parte desses anos apartadas do mundo. Viajamos, ela ainda bebê de colo, de São Paulo para Fortaleza, onde eu pudesse oferecer para ela e a mim mesma uma ancestralidade: calor. Eu tentando ser a uma só vez navio e luzeiro e ponte e mar; tentando fazer jus a esse nome-significante que escolhi: casa; sem me dar conta que casa, além de morada, é também confinamento.

Hoje vivemos esse confinamento que não é como aquele meu e da minha mãe, nem o meu e de Lavínia quando cá chegamos: geográfico e periférico, mas um confinamento coletivo e sem escolha, atroz, onde pessoas adoecem, morrem, aqui bem ao nosso lado, por todo lado. Dizer que estamos severas chega a ser um eufemismo.

Temos o direito de estar em casa, enquanto outras pessoas têm esse direito roubado. Temos o privilégio de ter wifi em casa e de ter um celular. Tenho o privilégio de ser coordenadora em uma escola particular onde minha filha tem bolsa de estudos integral. Mas ela não gosta nada de estudar remotamente... e todas as manhãs, quando o relógio bate às sete, todas as caveiras... não tem nem rima pra isso.

Minha filha tem treze anos e embora odeie que a chame de adolescente, ela é. Seus hormônios estão explodindo dentro do corpo e dentro do quarto: vivemos um confinamento dentro do confinamento entrecortado por gritos, choro, chantagem, manipulação... Talvez eu também esteja vivendo uma adolescência tardia, e viramos adolescentes juntas; a verdade é que eu não sei nada o que hacer além de inventar línguas a cada dia, tateando na escuridão formas y formas de dizer & desdizer-deshacer.

Chego na parte nevrálgica desse texto. A parte em que devo dizer como está sendo a nossa vida nesse tempo terrível; como ultrapassar um parágrafo? Como fazer essa travessia entre a éti-

ca do sensível e a ética da partilha? Invento ainda outras línguas para dizer: filha, está muito, muito difícil, me ajude! Não é verdade que a única coisa que faço por você é o almoço, mas olha, o almoço demanda muito de mim entre tudo mais! Não, eu não te odeio! – eu digo. Ela também. E vamos dizendo sem eufemismos atrocidades, delicadamente, às vezes.

Tenho dificuldades para dormir e Piaget fica me dizendo coisas: somos muito mais severas com crianças e adolescentes do que com pessoas adultas; quantas chances e castigos para crianças e adolescentes? E para adultos?

Poderíamos conversar sobre encarceramento...

Eu queria voltar o tempo.

Claro, infrutífero dizer isso.

Por hoje, vou entregar a chave do quarto dela que eu confisquei.

Há tanta gente com fome de pele, diz a neurociência. As pessoas confinadas sem um alguém para um abraço, para um nada qualquer. E eu, privilegiada, tenho cá ao meu ladinho a pessoa que mais amo no mundo inteiro.

Confinada no único lugar que gostaria de estar.

Dar um abraço, já faz tempo. Tentar de novo e de novo.

É tão difícil.

Gostava muito, muito mais e além de uma outra origem.

Isso sim é possível.

Minha amiga e poeta Líria Porto diz numa poema:

"sou minha própria ancestral
já me pari tantas vezes – avó mãe filha neta
sou meu elo na corrente".

Já fui muitas filhas e mães para minha mãe; muitas mães para minha filha e sei que ainda hei de ser muitas filhas para ela. Agora sou minha própria ancestral junto com minha mãe e minha filha em nossas vidas de confinamento.

na ilha, algum farol

Roberta Ferraz

para Anna Cecília Junqueira, Tila Teixeira,
Laura Magri, Francesca Cricelli e à minha mãe

à generosa escuta de Maria Carolina Fenati

Acabo de sair de um encontro virtual com outras mulheres, no qual lhes disse, comovida, que a maternidade me bagunçou completamente. Comecei a escrever este texto sob o impacto desta conversa e de dentro de um confinamento, devido à pandemia de Covid-19, que já soma 86 dias[1], a grande maioria deles vivida no meu apartamento, em São Paulo. Terminei ainda dentro deste confinamento, no dia em que Heitor, meu filho, completou 9 meses e 5 dias. Antes, não poderia imaginar que a nomeação destes tempos sobrepostos – os tempos do corpo que pariu outro corpo e do corpo em isolamento – resumiria, em intensidade, a pessoa em que hoje me experimento, em seu estado de parte e partilha. De quem, partida então, encontra arranjos outros, a fazer destas parcelas, oferenda e cuidado. Este texto, portanto, situa-se na espessura em movimento destes tempos mesclados, nalgum ponto inquieto em que estas instâncias do corpo se encontram e se questionam.

1 Comecei a escrever este texto em 9 de junho de 2020, finalizei-o em 25 de junho. Depois disso, descansou um tanto e a ele voltei, para os retoques finais em fins de julho deste mesmo ano.

Falo de um corpo que se perde constantemente. Um corpo que teima em guiar-se pela intuição de uma simplicidade radical da maternidade: um acontecimento que se dá 'desde que o mundo é mundo' – e faz da mãe o lume antigo da memória. Nele, me (des) cobri tal qual um hábito ritual, um véu cuja carnação é a evidência do seu comum. Consciente desta arcaica comunhão, algo próprio e extraordinário, no entanto, é provado. O que acontecerá, individualmente a cada mulher, ao deixar de ser a mulher que não tem filhos? E como habitar esta comunidade descontínua da qual agora faço parte e me qualifica como mãe? O chamamento se projeta como potência e, também, cerco e aspereza. Perdão e cura, e ainda, construída condição para o adestramento, venenos. Obscura e orgânica, sendo absolutamente cultural, a maternidade clareou, a mim, a dimensão política de ser mulher. Revivi, ao gerar e parir, amamentar e maternar, inúmeras situações anteriores em que fui acuada e violada; na mudez do estranhamento de ser mãe, revi as vezes em que consenti que me calasse e adoeci. Senti falta de ouvir, de mulheres próximas ou não, como houvera sido a escuta desta experiência. Buscar a voz era, mais uma vez, trabalho de rebeldia.

Quando nasceu meu filho, fui ilhada numa língua estrangeira, cujo continente flutuante começava em meu corpo. No rapto que sucede ao nascimento, me vi perdida das palavras. Emudeceu o que eu conhecera, transbordando em silêncio sentimentos que experimentava antigos e, talvez, pela primeira vez. O que balbuciava soava banal, irônico, afetado, como se uma mão social tentasse colocar na minha voz coisas que eu pudesse ou devesse sentir, inundada por um senso-comum patriarcal que entupira as imagens da mãe e da maternidade com um amor incomensurável, um servilismo doce e tingira as sombras de uma depressão pós-parto com sensores es-

corregadios, um puerpério impossível de tocar como também de trocar; apropriar-se e oferecer. São inúmeras as cascas que temos de arrancar de nós quando se é mulher e mãe num mundo cultivado por valores pautados pelo controle dos corpos; e do corpo da mãe é cobrado um funcionamento imediato, exemplar. Como se a dádiva da partilha amorosa tivesse como contraparte uma dívida a qual se quitasse com dons de obediência. Afinal, se o que caracteriza uma das mais preciosas singularidades do gênero, é o fato de sermos possíveis de gerar a vida, supõe-se que nosso corpo saiba, por natural natureza, servir às metáforas do zelo, da tolerância passiva, do bom-senso. De um cuidar do outro, em primeiro lugar; sendo este outro o filho e seu desdobramento simbólico conveniente à localização da mulher enquanto servidora dos espaços domésticos: a família, a casa, à continuidade de muitos conservadorismos.

Inundada de medo, lidando com a irrupção contínua de um imaginário de inédita violência, uma irrequieta fragilidade convidou-me a olhar o espelho. Estava cega?, ofuscada como o recém-nascido, absorta em instintos e um manancial de memórias, cuja presença fazia do corpo uma coisa cheia demais, insondável, difícil de conhecer. Para além da violência, o leite no seio de minha mãe, a demora infinita de um choro desamparado, o banho quente demais, a sensação de uma fralda nas dobras da virilha, variações e variações de um corpo perdido, do bebê que eu fora, agora reacendendo perfume inesquecível... Tateava, imitando meu filho, esta paradoxal consciência: sentia-me sozinha como nunca antes e, ao mesmo tempo, absolutamente impossibilitada de estar só. Agora eu estava estilhaçada, pelo amor e seus difíceis afluentes. Imersa no maremoto, é possível que aceitemos acomodação e calma num fundo remoto do mar de dentro. Fugindo à exaustão da qual não se

escapa, passei dias em deriva, absorta, estrangeira, numa espiral de isolamento que orquestrava o luto pela mulher que eu fora. Sem voz, o olhar imerso num algures suspenso, na deriva dos movimentos, estanque, longe, aqui, na imensa solidão, na falência da linguagem.

É deste corpo, a partir dele, que venho tentando dizer filho, dizer mundo, dizer mãe, e dizê-los à margem e contra os olhares complacentes que recebi, vindos de nossa cultura, que sublima na mãe toda a violenta relação que trava com a mulher. Não, não fiquei mais boazinha, coração-mole ou agora sim, porque sou mãe, sei o que é o amor, com a medalha do artigo totalitário. Penso, com Silvia Federeci, que o amor é (também) um trabalho não remunerado. Tento sacudir de mim a jaula no espelho. Fico constrangida com o modo deliberado com que pessoas julgam separar-se (elevar-se) do mundo por meio de uma idolatria do amor materno, como se só a maternidade possibilitasse ao sujeito a experiência do amor numa máxima (utópica) expressão e isso nos absolvesse de nossas mesquinharia e ignorância. De nossas indiferenças. Se o amor conhece agora novo timbre e alcance, dentro de mim, não por isso posso afagá-lo sem considerar a complexa rede de problemas e desafios que inaugura. Estou atenta à face tenebrosa dos inúmeros descasos e sujeições impostos à mulher, no verso da sagração da mãe. Não, não sou melhor agora. Os trabalhos apenas começaram.

Essa experiência venho aprendendo a conjugar como uma misteriosa iniciação ao comum, remanejando as forças recorrentes que dizem da separação, do isolamento, do alheamento. Vivo um rapto para nova escuta, uma sensibilidade reiniciada. É bonito não saber mais nada do futuro, por não mais poder conjugá-lo em primeira pessoa... Este é um rasgo que demora: a cicatriz abaixo do umbigo é a linha arroxeada que rasura a ideia de uma cronologia organiza-

da no singular, lembrando-me que fui capaz de gerar e parir como muitas mulheres que se empenham em conhecer e construir relações, independente do vínculo materno, apoiadas na vertigem de um descentramento: tecendo no reverso da lógica dos homens que se louvam em elogios à conquista, à sobrevivência, à escassez, à força, à superação premeditada, ao sucesso acima de tudo. Venho descobrindo, estando estilhaçada e bagunçada, que não estar sozinha é a inteligência da vida e que, num sentido misterioso e singelo, uma criança são todas as crianças.

Na lenta dissolução do puerpério, deparo-me com uma quarentena outra, exigida por um corpo social. A similitude entre casa e corpo é inerente a quem experimenta o isolamento. O corpo aberto à espessura do descobrir-me mãe é agora alargado, cavoucada a solidão para além de si, pela dor de tantos outros isolamentos que atravessam suas perdas em distintos graus de amparo e desamparo. Como dar conta, neste rasgo, com esses fiapos, de uma mínima saúde, um qualquer bem viver em si e consigo que, ao mesmo tempo, não deixe a limitação de espaço direcionar minha energia à alienação? Como, com que mão, cuidar de ouvir e imaginar a aflição de quem vive seus mortos e doentes contados como números, numa ausência deliberada de política de saúde pública (ou qualquer política pública)? Como me entender entre os poucos desde sempre eleitos ao favorecimento de uma quarentena privilegiada? Como conciliar estas forças compositoras de meu corpo atual – ser mãe, diante da apatia; fazer-me mãe como uma aptidão necessária que estilhace a apatia?

Com a maternidade, e em dupla quarentena, reconheci mais detalhadamente a fisionomia da criança incendiária de Michaux. O incômodo de estar em casa, num corpo-casa fechado à livre cir-

culação, acentua-se perante o silêncio de meu apartamento, que muitas vezes não bateu as panelas do protesto, para que o bebê dormisse. Este encarceramento torna-se político duplamente, porque como mulher e mãe aprendo que um mundo inclusivo das mais diferentes formas de vida, dos mais inusitados diálogos, dos elos amorosos exuberantes e também conflituosos, exige que eu refaça continuamente o exercício de parir, inaugural de uma nova política de subjetivação. Quero querer incendiar a casa, ser uma mãe para além de si, para mais do que um ou o filho. Enquanto aciono esses sonhos, irrito-me com o fato de que estas expiações, essa laceração ígnea das próprias forças e desejos, este germe de revolta, possa arrefecer e perder a sorte de ter chegado a mim. Deste fogo soprado, faço o altar da entrada de minha casa, da entrada de meu corpo, no ensejo de tornar a casa compulsória e o corpo raptado não só um cativeiro que nos proteja do vírus, mas principalmente considere o corpo do outro que nos atravessa, dos filhos, do mundo.

Mais vigorosa acordo para a seriedade em que me sei mulher, aliada aos seres vivos por meio de corpos desobedientes, acolhedores, corajosos e ativos; embora possa não parecer, ao mundo que ainda lê o gesto da ação nas expressões de conquista, à espera de palmas ou piedade. Dizer mãe a mim mesma, enquanto sou mão que ampara o filho, é dobrar o corpo a reconfigurar a elasticidade de minhas costelas, colunas, joelhos. Vacilo, emendo derrapes cotidianos, engasgo, titubeio. Nem sempre se acha o ritmo que embale bem o modo de sonhar a que se nasce, por direito. Mas reforça-se a cada segundo que não se pari para a guerra ou o controle dos corpos. Como escreveu Winnicott, num ensaio de 1968, publicado em Bebês e suas mães (São Paulo: Ubu, 2020), no enlace dos corpos de mãe e filho, o que está em questão vai

muito além da garantia de uma saúde física e das necessidades básicas: "estamos preocupados com a riqueza da personalidade, a força do caráter e a capacidade de ser feliz, assim como a capacidade de se revoltar e de fazer a revolução" (p. 37). Construir essa vivaz desobediência pede honestidade ao olhar o mundo. A maternidade, intensificada pela quarentena, martela este incômodo em mim. Tenho a obrigação de nela me deter, porque posso maternar e posso estar em casa – ao contrário de tantas mulheres às quais são negados um e outro – e aprender, na doação incessante que um filho demanda, que é o mundo quem pede. O mundo em nós e em nossa estranha diferença, que se lhe ampare, cultive-o em generosidade, trabalhe para que esta consciência não se contenha num corpo habituando-se a ser mãe apenas dentro do domesticável.

Raiz centrífuga: eu, o quadrado, o cosmos e o pequeno

Ursula Rösele

21 DE JULHO DE 2020

Estava abertamente tentando florear a abertura de nossos dias com novas experiências, sucos, mudança diária do cardápio no café da manhã. Nossa religião de quarentena – porque o tempo, que vem engolindo de maneira dolente, se tornou uma espécie de presente contínuo.

Poucas vezes tive tanta dificuldade de escrever como aqui.

Mudo eu toda, mas a vida fica muda, estática.

Piegas, fui ficando insuportavelmente piegas.

Vez ou outra me recordo de um blog que fiz quando o pequeno chegou. *Eu e Antônio, Antônio e eu*. O site não vingou, mas nós dois somos força de vida viva.

Posterguei por tempos imensos o espaço em branco onde me propus a falar sobre essa instância pitoresca da maternidade e da pandemia.

Do que poderia dizer eu, diante do assombro de versos que não vinham, do risco de encarar no texto o grito que se esconde em tantas partes de mim?

Fiz um pequeno poema, doce, mas bobinho. O monstro, a loba que me tornei nesses quarenta anos de vida que completei em plena quarentena – tudo isso sou eu. Ansiosa por "lobar", sacudida por desejos recônditos.

Brincamos, eu digo que ele é meu super-herói, o menino gato (personagem que ele adora). Ele diz: "só na brincadeira, né, mãe? Eu não sou super-herói". Pergunto o motivo. "Não tenho poderes". Tento, entre didática e patética, falar sobre poder, como corrompe,

como não vale muito à pena. Ele insiste em querer alguns. Eu falo de arte. De como nela o poder se manifesta de uma maneira transcendental (com palavras bem mais exatas que aqui). Ele observa semi-atento e diz, decidido: "Queria a super velocidade de gato e o pulo do gato. E arte".

*

– Mamãe, quero fazer cocô.

Quarta à noite: nossa intimidade compartilhada nesse universo de querências infantis. Eu me encontrava em meio a um raciocínio envolvendo leis de incentivo e incentivo fiscal para projetos culturais. As poucas feições ali, nos pequenos quadrados da videoconferência, riam.

Fui me acostumando nesses tempos pandêmicos a dar aula, limpar cocô, ser mordida pelo cachorro e buscar o fluxo de meu raciocínio enquanto os sons internos de minha casa se misturavam ao silêncio dos inúmeros quadrados pretos. A maioria dos alunos insistia em não habilitar suas câmeras, enquanto buscávamos o resquício que poderia haver de uma experiência docente/discente. Eu, mecânica e mecanizada, em franco cotejo com as reminiscências daquela vida de outrora.

Fui me valendo do tempo ínfimo, mesmo que infinito, em sua clausura. Os afazeres, a insônia, o cansaço, o saco cheio, as saudades todas. Protelando por não saber ao certo se posso mesmo dizer das arestas não capturadas pelas instâncias imagéticas que agora nos cabem e restringem.

Eu e a tela. Eu e meu rosto refletido nela. Falando, num movimento esquizo e novo, para mim mesma. Resignando pouco a pouco diante da inconsistência de tudo o que restou.

Saí do campo, do quadro, fui para o extra espaço.

Calei.

Minha casa no quadro, seus sons e idiossincrasias passaram a fazer parte dessa hercúlea tarefa das aulas online.

O intestino de Antônio veio dar as caras inúmeras vezes, bem como a fome e a impaciência de me esperar, eu por horas diante do computador. Ele fazia pequenas aparições diante daquela máquina retangular, cujas vozes ele não podia ouvir, pois eu usava fone. Vez ou outra, alguém lhe sorria, enquadrado, distante. Ele, escondendo atrás de mim, oscilava entre a curiosidade pelo dispositivo e a ânsia de ter sua mãe de volta.

Pesadelos, sonhos desconexos. Em um deles, fui demitida por Ricardo Salles em um escritório que, dentre outras coisas, tinha uma esteira ergométrica na qual eu corria.

Novas formas de linguagem e temporalidade. Lapsos e silêncios em meio à minha rotinha miscigenada com dentro e fora, privado e público. Tudo ocupando o indelével espaço de um quadro, cuja imagem ora trava, ora flui.

Passei a pensar de forma recorrente e movida por raiva, anseios militantes e profunda tristeza na solidão da mãe solo.

Quando pari, me vi renascida outra mulher. Advinda sabe-se lá de onde. Mas transformada, reinserida, reordenada.

Em múltiplos instantes maternais, espalhados dentro e fora das telas, fui acolhendo jovens, tentando manter o calor das aulas que sempre tentei dar, mesmo imersa no esfriamento desses tempos remotos e no clamor de meu pequeno, sempre ali, um pouco fora do quadro, mas vociferando para dentro dele.

Remota fui ficando eu, recolhida à significância de tudo aquilo que abundava para fora de mim.

Engorda, emagrece, faz yoga e desiste, acende vela, dança e bebe. Chora. Chorei dias e dias. Um choro meio surdo, quase calado, como o texto que

eu vinha deixando de escrever.

Venho vendo que nesse "man´s, man´s world" eu uivo ensurdecida. Meu filho vê TV e eu miro no cosmos. Guardo, resguardo, por vezes esqueço de respirar.

O chão, a sala, o pó, o lixo, as patas do meu pequeno grande cão, Antônio pedindo para jogar quebra-cabeças; eu, mãe, tédio puro e sempre, sempre exausta.

O gozo, a reza, o sono, as palavras que tanto gosto, os silêncios que por vezes busco e as companhias que foram ficando sempre para esse depois que nunca chega.

O pico, esse tal de pico, a flexibilização, os corpos radioativos. Máscaras são postas, máscaras caem.

No momento do desligar das máquinas e esferas virtuais, só eu mesma soube dos vazios que restaram aqui. O pequeno vinha para o colo num gesto infante de quem sabia muito bem o que desejava.

Escrever o quê, penso eu?

Digito, apago. Por vezes me vêm frases inteiras que eu esqueço de anotar ou mesmo abandono nos confins de uma resignação de mulher não ouvida.

Foram chegando os sábados. Eu livre, ou seja, dia de faxina, de compras, máscaras, vida estéril, álcool gel, álcool gel, álcool gel.

Passei esses pouquíssimos períodos fora do trabalho fugindo de todas as telas, calando sempre que pude e jogando para um dentro não filmado a angústia de ser uma mulher só, em meio a um pandemônio de tantos outros, enquadrados pela virtualidade que vem nos restando.

Parida, revirada, efervescente.

Por ora, dissolvida na liquidez das pequenas sutilezas do abismo desse ser mãe e mulher, num espaço-tempo que não nos cabe.

Caderno de Leituras n.116
7 mulheres – maternidade e isolamento social
Ana Freitas Reis, Brisa Marques, Fabiana Carneiro
Mika Andrade, Nina Rizzi, Roberta Ferraz, Ursula Rösele

Coordenação editorial e curadoria Maria Carolina Fenati
Revisão Clara Delgado
Coordenação de arte Luísa Rabello
Projeto gráfico Rita Davis
Imagem de capa "Contorcionista" de Sylvia Amélia

Composto em Zenon e UnB Pro

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, outubro de 2020

Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em www.chaodafeira.com

Projeto Caderno de Leituras, nº 0699, aprovado no Edital 2017
oriundo da Política de Fomento à Cultura Municipal (Lei nº 11.010/2016).

Realização

unibh